

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

LIONEL RUFFEL

Forever Decameron

Tradução Raíssa Cardoso e Guilherme Bonvicini

ZAZIE 
EDIÇÕES

Forever Decameron

2020 © Lionel Ruffel

COLEÇÃO

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Laura Erber

EDITORA

Laura Erber

TRADUÇÃO

Raíssa Cardoso e Guilherme Bonvicini

REVISÃO DA TRADUÇÃO

Annie Cambe

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Angela Vianna

REVISÃO DE TEXTO

Maria Cecilia Andreo

DESIGN GRÁFICO

Maria Cristaldi

Bibliotek.dk

Dansk bogfortegnelse-Dinamarca

ISBN 978-87-93530-47-8

Agradecemos ao autor e a Éditions Verdier pela cessão dos direitos de publicação.

Zazie Edições

Copenhague / Rio de Janeiro

www.zazie.com.br

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

LIONEL RUFFEL

Forever Decameron

Tradução Raíssa Cardoso e Guilherme Bonvicini

ZAZIE EDIÇÕES

Havia, não do outro lado do mundo, mas em seu coração, não uma ilha, não, mas uma cidade. Chamava-se Florença, e se por acaso alguma coisa de nosso mundo ainda existir, assim deve continuar se chamando. Era então a mais extraordinária das cidades; como as outras cidades italianas, porém “a mais bela de todas as da Itália”,¹ pouco a pouco se libertou da feudalidade para se dedicar inteiramente ao *business*. Florença, antigo entreposto comercial, do qual tira todo seu poder e toda sua riqueza. Florença também sentiu, por isso, todos os efeitos quando foi atingida pela peste negra em 1348.

Sobre essa questão da peste negra, não sei de onde vocês são, mas não seria conveniente abordá-la com os nossos hábitos pequeno-burgueses ocidentais do terceiro milênio, se me permitirem, e, aliás, não vejam nisso nenhuma discriminação, *no offence*, garantido que é puramente descritivo, enfim, não imaginem que começaram a aparecer hospitais, medicamentos, curvas analisando a propagação da epidemia, não imaginem números que poderiam lhes parecer assustadores, como “centenas de casos alarmantes”, não,

¹ Giovanni Boccaccio. *Decameron*. Trad. Ivone C. Benedetti. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 27. Todas as citações de *Decameron* foram tiradas desta edição. [N. T.]

acima de tudo não pensem no episódio tragicômico daquela ministra da Saúde ligada à indústria farmacêutica que fez a população francesa inteira se vacinar após um punhado de mortes causadas por uma gripe mais virulenta que a dos anos anteriores, tudo isso é bobagem. Estamos agora diante de uma verdadeira carnificina, em que o extraordinário é que a espécie humana tenha sobrevivido. Alguns falam em cem milhões de mortos, outros dizem que metade da população europeia desapareceu em cinco anos, o que talvez seja um exagero, não sei, mas quando lembramos de nossas séries de TV contemporâneas, que fazem chamadas com horrores do tipo 3% da humanidade se volatiliza ao mesmo tempo que um país faz desaparecer 10% da população de outro, pensamos que seria difícil alguém aceitar o cenário da peste negra: muito insano, pouco crível. No entanto, enquanto estou falando com vocês, uma pandemia ainda está em andamento, e os números não são tão inferiores àqueles da peste negra, fala-se em quarenta milhões de mortos em quarenta anos, mas quão confiáveis são esses números? Seria preciso talvez contar o dobro. Ela costuma ser silenciada, pois não destrói tanto as populações que se desejaria salvar a qualquer preço; destrói sobretudo as populações vulneráveis e já invisíveis, então, fica cada vez mais ocultada com o passar do tempo.

Enfim, eis onde nos encontramos quando abrimos o *Decameron*, escrito, fato inédito, logo após um acontecimento. Um “Proêmio” nos introduz à obra:

Aqui começa o livro intitulado *Decameron*, e apelidado de Príncipe Galeotto, no qual estão contidas cem novelas narradas em dez dias por sete damas e três rapazes.²

O livro tem, portanto, além do nome, um apelido. Para nós, agora, o apelido é provavelmente obscuro, mas não para as leitoras contemporâneas, pois é principalmente a elas que o autor se dirige, elas que ainda estavam sob o choque de um poema que antecedeu em vários aspectos o *Decameron*: a *Divina Comédia*, assinada por um dos mestres de Boccaccio, Dante Alighieri. Nele, o poeta se apresentava como Galahad, nome de um personagem que serviu de intermediário ou de mediador entre Lancelote e a rainha Ginevra.

Não era a primeira vez que um autor se apresentava como intermediário, alguém que agrupa, que conecta, nem seria excessivo dizer que o primeiro de todos se apresentava assim, quando se sabe que o próprio nome de Homero também significava isso, aquele que agrupa, que conecta, aquele que agencia e harmoniza o diverso. Aliás, é significativo que, enquanto o nome de Homero marca o começo dessa coisa que todos nós chamamos de humanidade literária, seus dois poemas inaugurais sejam sucessivamente o cerco de uma cidade e a deriva entre pontos que, mais ou menos ao acaso, essa mesma deriva cos-

² Ibidem, p. 21.

tura, antes que Ulisses reencontre sua ilha e seu lar. Não é, portanto, a primeira vez, longe disso, mas, por outro lado, talvez seja inédito dar a um livro o sobrenome de um príncipe intermediário e mediador. Provavelmente é porque esse livro favorece os encontros, particularmente numa pequena comunidade imperfeitamente equilibrada que conta com três homens e sete mulheres, cada um desses jovens se encarregando de dez narrativas, uma por dia, para que no final deparemos com cem, número quase tão perfeito quanto era mil e um. Abre-se, portanto, a quem quiser lê-lo, um livro que conecta uma série de narrativas que ele mantém juntas desafiando as forças de desconexão. Este é o tema único, o programa, pois é também o programa da humanidade literária. Com *As mil e uma noites*, *Decameron* é o outro conjunto que nos mostra aquilo que move essa humanidade: enganar a morte.

O autor que a nós se apresenta menciona o “excessivo ardor concebido na minha mente por um desejo pouco temperado: e este, não me permitindo outrora ficar dentro de limites convenientes, com frequência me fazia pensar mais do que o necessário”.³ Pensem, se puderem, fora de vocês mesmos, *outside of the box*, como dizem os *managers* no mundo do *business*, pensem como se vocês viessem do Egito dos faraós ou de uma expedição interestelar, ou dos dois ao mesmo tempo, o que vocês veriam então? Veriam, tenho cer-

³ *Ibidem*, p. 23.

teza, mais movimento que formas. Mais ainda que o amor, veriam uma tensão entre excitação e depressão, veriam se estabelecer uma psique puramente viciante, sem solução, até descobrirem a seguinte frase:

E a tais penas deram tanto refrigério os agradáveis colóquios com alguns amigos e suas louváveis consolações que acredito firmemente dever a isso o fato de não estar morto.⁴

O que importa, ouviram bem, é “não estar morto”, e o autor se apresenta para nós como quase morto, como sobrevivente de uma alternância mortal entre penas e excitação. E ele deve às conversas, aos colóquios com amigos, o fato de ter escapado da morte. O inverso poderia ser verdadeiro, o amor poderia consolar uma amizade infeliz e destrutiva. O autor poderia, ainda, de modo alternativo, ter escapado de colóquios mundanos pela sublimação amorosa, pouco importa. Uma vez mais, tudo está em seu lugar, o fogo que consome, as chamas que se propagam, as penas que se deseja enganar, sempre com mais distrações, com novos laços que enganam a morte.

Tudo está no lugar, a ficção começa quando se abre a primeira jornada de uma história que dura dez dias. E se abre como *As mil e uma noites*, com uma narrativa-moldura, tão apocalíptica e tão essencial para compreendermos o que ainda estamos vivendo.

⁴ Idem, *ibidem*.

É preciso contar a “peste mortífera” esperando que as misérias tenham “seus limites no contentamento que sobrevém”.⁵ Tudo é questão de escoamento, de propagação, de transmissão da peste, pouco importam as razões, “fosse ela [a peste] fruto da ação dos corpos celestes, fosse enviada aos mortais pela justa ira de Deus a para correção de nossas obras iníquas”.⁶ O narrador diz isso porque é necessário dizer, mas pouco importa, para ele não tem nenhuma relevância, Deus e os céus são a espuma dos dias, o que importa é o mundo, a Terra, o fenômeno da propagação e o que ele produz. E importa, sobretudo, que “nada serviu para detê-la”, pois nenhum obstáculo, nenhum limite, nenhum controle, nada pôde evitá-la. O que importa também é que a mortal pestilência sofreu uma mutação, deslocando-se do Oriente para o Ocidente. Lá, ela privou as regiões “de incontável número de pessoas”,⁷ o que não foi pouco; aqui, de certa forma, ela fez pior, atacando os corpos que transforma, que torna monstruosos e híbridos. Escutemos o narrador:

Começavam com o surgimento de inchaços na virilha ou nas axilas de homens e mulheres, alguns dos quais atingiam o tamanho de uma maçã comum e outras o de um ovo, umas mais e outras menos, e a elas o

⁵ *Ibidem*, p. 27.

⁶ *Idem*, *ibidem*.

⁷ *Idem*, *ibidem*.

povo dava o nome de bubões. E os referidos bubões mortíferos, não se limitando às duas citadas partes do corpo, em breve espaço de tempo começaram a nascer e a surgir indiferentemente em todas as outras partes, após o que a qualidade da moléstia começou a mudar, passando a manchas negras ou lívidas, que em muitos surgiam nos braços, nas coxas e em qualquer outra parte do corpo, umas grandes e ralas, outras diminutas e espessas.⁸

A morte é o fim, claro, mas há outra coisa, que assusta ainda mais. Fluxos de informações incontrolláveis, pois um vírus como a peste, correndo o risco de um aparente anacronismo, não é outra coisa senão um fluxo de informações que se propaga, causa mutação nos corpos, que se transformam em corpos repletos de bubões, manchas, atributos vegetais ou animais. A peste destrói em cada ser a sua humanidade, em cada grupo, seus laços e seus vínculos. É a consequência desse momento de modernização que abre a cidade para o mundo. Simultaneamente, e uma coisa está claramente ligada a outra, o volume dos escritos e dos dados para dar conta do negócio explode, e isso mais de um século antes da invenção da imprensa (que, por consequência, se tornará literalmente uma questão de vida ou morte). É mais ou menos a mesma história de vírus e de corpos saudáveis que nos é contada neste vigésimo primeiro sécu-

⁸ *Ibidem*, pp. 27-28.

lo para descrever nosso desastre. Lê-se uma teoria da informação ao mesmo tempo que se lê uma narrativa apocalíptica, pois é o destino de toda teoria da informação acabar em narrativa apocalíptica. Tudo está contaminado, ao contato dos doentes, a doença ataca os corpos saudáveis, claro, isso é clássico, mas ela toca as roupas, que passam a ser pontos de conexão.

[Homem ou animal que] tocasse as coisas do homem que adoecera ou morrera dessa doença não só adoecia também como morria em brevíssimo espaço de tempo.⁹

Bem-vindos ao Antropoceno: o ser vivo como um todo é contaminado pelo homem! Muito em breve, depois do vegetal e do animal, são os conjuntos geológicos e climáticos que serão afetados. Boccaccio não sabe, mas nos ofereceu uma crônica antecipada. E, sobretudo, em breve, como sempre em tal caso, as imaginações entusiasmam-se, as histórias proliferam de qualquer jeito, a mitocracia descarrilha. Pois os fluxos que se propagam são acompanhados por fragmentos de cenários sampleados, remixados, ligados em *looping*.

De tais coisas e de muitas outras semelhantes ou piores originaram-se diferentes medos e imaginações nos que continuavam vivos.¹⁰

⁹ Ibidem, p. 28

¹⁰ Ibidem, p.29.

Diante da devastação, dominam dois cenários, que nós conhecemos bem, são os mesmos com os quais nos confrontamos nos três ou quatro mil anos desde que o processo começou, os mesmos que me preocupam e certamente a vocês também.

E quase todos tendiam a um extremo de crueldade, que era esquivar-se e fugir aos doentes e às suas coisas; e, assim agindo, todos acreditavam obter saúde. Alguns, considerando que viver com temperança e abster-se de qualquer superfluidade ajudaria muito a resistir à doença, reuniam-se e passavam a viver separados dos outros, recolhendo-se e encerrando-se em casas onde não houvesse nenhum enfermo e fosse possível viver melhor, usando com frugalidade alimentos delicadíssimos e ótimos vinhos, fugindo a toda e qualquer luxúria, sem dar ouvidos a ninguém e sem querer ouvir notícia alguma de fora, sobre mortes ou doentes, entretendo-se com música e com os prazeres que pudessem ter. Outros, dados à opinião contrária, afirmavam que o remédio infalível para tanto mal era beber bastante, gozar, sair cantando, divertir-se, satisfazer todos os desejos possíveis, rir e zombar do que estava acontecendo; e punham em prática tudo o que diziam sempre que podiam, passando dia e noite ora nesta taverna, ora naquela, bebendo sem regra nem medida, fazendo tais coisas muito mais nas casas alheias, apenas por sentirem gosto ou prazer em fazê-las. E podiam assim agir estouvadamente porque os outros, como se já não precisassem viver, tinham abandonado

suas coisas e a si mesmos; de modo que as casas, em sua maioria, tinham se tornado comuns e eram usadas pelos estranhos que porventura chegassem, tal como teriam sido usadas por seus próprios donos; e, apesar desse comportamento animalesco, fugiam dos doentes sempre que podiam.¹¹

Essa alternância não lembra alguma coisa? Entre, de um lado, por exemplo, os decrescentistas e, de outro, os aceleracionistas? De um lado, os nostálgicos do local e, de outro, os adoradores do global. Entre os conservadores e os modernizadores. Um antropólogo profético também propunha essa polarização, em uma obra escrita pouco antes do fim dos tempos, que ele tentava conter. Sua descrição do desastre lembrava em tudo o *Decameron*, e chegava a ser quase divertido, embora o assunto fosse dramático.

Acreditávamos então que a situação era nova, mas não, era antiga, talvez estivesse presente desde o início. E talvez entendam minha tênue esperança, na medida em que não somente o *Decameron* é a obra que melhor descreve nossa situação atual, confinados como estamos sem saber se alguma coisa do mundo exterior ainda existe, mas, além disso, oferece uma saída na qual poderíamos nos inspirar, ou ao menos que poderia nos ajudar. Há então, de início, esses dois cenários. Um constrói um vacúolo de privação e de ocultação no próprio âmago do desastre, o outro se

¹¹ Idem, *ibidem*.

integra aos fluxos para se beneficiar; já que estamos todos ferrados mesmo, vamos mergulhar de cabeça. Talvez esses dois cenários lhes pareçam radicais demais, excessivos demais. Pois bem, não se preocupem, Boccaccio previu tudo, fala de todos nós, talvez até aqui:

Muitos outros observavam uma via intermediária entre as duas descritas acima, não se restringindo na alimentação, como os primeiros, nem se entregando à bebida e a outras dissipações como os segundos, mas usavam as coisas na quantidade suficiente para atender às necessidades, não se encerravam em casa, iam a toda parte, alguns com flores nas mãos, outros com ervas aromáticas, outros ainda com diferentes tipos de especiaria, que levavam com frequência ao nariz, pois consideravam ótimo aliviar o cérebro com tais odores, visto que o ar todo parecia impregnado do fedor dos cadáveres, da doença e dos remédios.¹²

Não são engraçados esses social-democratas do *Trecento*, com suas ervas aromáticas brandidas diante da mortal pestilência? Os coitados querem continuar como se nada acontecesse, esperando, sabe-se lá como, que de algum modo tudo acabe se resolvendo. São os apóstolos do *business as usual*. Enquanto outros, enfim, entenderam perfeitamente que “contra a peste não havia remédio melhor nem tão bom como

¹² Ibidem, p. 29.

fugir”.¹³ Não podemos dizer que estejam errados. Bem, claro que podemos, podemos dizer que estão errados quando não se preocupam “com nada a não ser eles mesmos”¹⁴ e quando abandonam tudo, “sua cidade, suas casas, suas propriedades, seus parentes e suas coisas”.¹⁵ Depois deles, o dilúvio! Aí estão, enfim, os apoiadores do secessionismo, e sabemos no que isso deu nessa primeira metade do século vinte e um, esses fanáticos que se instalaram em ilhas (“haveria lá longe, do outro lado do mundo, uma ilha”) ao largo de um Silicon Valley que eles haviam destruído ao mesmo tempo que o resto do mundo. Alí, abarrotados de dinheiro, poderiam ter provado as bebidas e as iguarias mais finas, se dispusessem ainda de um corpo e de afetos, mas não, esses loucos nem desejavam mais enganar a morte, queriam anulá-la. Nada mais os interessava, além deles mesmos, transformados em hiper-indivíduos cósmicos que mais nenhum vínculo conectava a uma humanidade comum.

Desejavam pôr fim à humanidade literária, essa humanidade fundada em laços e vínculos, essa humanidade que a mortal pestilência devastou. E, se me permitirem, tenho até mesmo a impressão de que é com eles que Boccaccio é mais severo, pois constituem um exemplo desastroso, o exemplo de um abandono total, generalizado. Nada mais resta, nem o

¹³ Idem, *ibidem*.

¹⁴ *Ibidem*, p. 30.

¹⁵ Idem, *ibidem*.

laço político – “um cidadão evitava o outro” –, nem o laço comunitário – “nenhum vizinho cuidava do outro” –, e pior, nem o laço familiar – “os parentes raramente ou nunca se visitavam”, “um irmão abandonava o outro, o tio ao sobrinho, a irmã ao irmão e muitas vezes a mulher ao marido”.¹⁶ Os laços familiares mudam com os tempos. Nunca somos irmãos, tios ou irmãs da mesma maneira, mas somos gerados e geramos: partilhamos histórias e, assim, criamos laços. Tudo isso está prestes a desaparecer em Florença sob a ação dos fluxos incontrolláveis e da mitocracia que descarrilha.

Em Florença, isto é, em todo lugar, pois Florença é o mundo e o mundo se parece com Florença. Florença ultrapassou os próprios limites. Não foi tanto a peste que a contaminou, mas o mundo contido em Florença que contaminou a Terra. Nem os burgos nem os campos escapam da catástrofe, os abandonos são o mesmos, o fim dos laços e dos vínculos também. Talvez o mais tênue e o mais essencial, o fim de uma certa construção do tempo específica dos campos:

[Os camponeses], ao contrário, como se esperassem a chegada da morte para aquele mesmo dia, não se preocupavam com os futuros frutos da criação, das terras e do trabalho já realizado, e esforçavam-se com todo empenho em consumir tudo o que tivessem no presente.¹⁷

¹⁶ Ibidem, ibidem.

¹⁷ Ibidem, p. 32.

Não imaginem que eu esteja opondo os gentis e pastorais camponeses à detestável peste urbana. Estou, mais uma vez, seguindo Boccaccio, que os representa juntos e só vê continuidades. Se a humanidade literária é uma humanidade cidadina, como em Florença, ela começa no campo, com a revolução agrícola que transformou o curso do tempo para acelerá-lo. Tentem olhar agora para mais longe, cinco mil anos atrás, ampliem o foco, para quando surgem as primeiras comunidades agrícolas, e depois as primeiras cidades. Vocês veem, então, as primeiras escritas florescerem, pois essa ferramenta era tão necessária quanto mortal. Veem, ainda, as primeiras ficções totalizantes (religiosas, econômicas, políticas, artísticas), e aí está o ponto fraco, pois as primeiras ficções totalizantes não enganam a morte, administram-na ignorando-a. Então, a linguagem e a escrita trabalham no seu âmago para desviá-las, com muito mais fracassos, porém, do que sucessos.

Sim, tudo já está no lugar, e tudo funciona junto, e é certamente o que nos incomoda e nos inquieta, o surgimento da agricultura, das cidades, da escrita, da literatura é quase simultâneo, pois o novo mundo urbano oriundo da revolução agrícola é, em sua essência, o exercício de poder dos medíocres, gestão de fluxos, de dados, terceirização da memória, quantificação e ficcionalização das trocas para produzir laços e manter a ordem.

Somos médicos, xamãs e traficantes no meio disso, sabemos que tudo é questão de dosagem, pois o pico

a mais ou a overdose nunca estão muito distantes. Neste início de século vinte e um, nunca levamos essa lógica mortífera tão longe: gestão dos fluxos, dos dados, externalização de memória, quantificação e ficcionalização das trocas para produzir laços e manter a ordem.

Poderíamos acreditar que acabou, que é tarde demais, mas não, nunca é tarde demais, ouçamos Boccaccio, ele parece esgotado, falta-lhe fôlego, “Que mais se pode dizer...?”,¹⁸ é verdade, o que mais se pode dizer? Mas a pergunta é retórica, ele recobra energia, pois o prodígio ainda está por vir. E o prodígio acontece, esta é a palavra que ele escolhe, pois os prodígios ocorrem assim, por acaso, nada permite antecipá-los.

É em uma igreja abandonada, imaginem então a cena, que acontece na forma de um encontro entre sete moças; todas, insiste o narrador, eram “unidas entre si por amizade, vizinhança ou parentesco [...]. “Nenhuma delas”, prossegue, “passara dos vinte e oito anos nem estava abaixo dos dezoito”.¹⁹ Não são, portanto, nem esposas nem mães, quando, nessa idade e naqueles tempos, certamente deveriam ser. Boccaccio dota-as de elegantes pseudônimos para apresentá-las, e com isso se diverte conosco sob o pretexto de defender as virtudes delas, mas a razão é mais profunda: elas são portadoras de histórias, são

¹⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁹ *Ibidem*, p. 33.

autoras, assim como Homero, assim como Galahad, elas reúnem, conectam, sincronizam, já não são mais simples moças, elas enganam a morte, isso merece um pseudônimo. A cena que ele descreve em seguida é paradigmática:

Estas, sem serem levadas por propósito algum, mas sim pelo acaso, reuniram-se numa das partes da igreja e, sentadas quase em círculo, depois de vários suspiros, deixaram de rezar pais-nossos e começaram a conversar sobre as condições da época e de muitas e várias coisas.²⁰

Elas fazem aquilo que nós sempre fizemos, formar um círculo e conversar. De início é o impulso besta, as velhas histórias sem pé nem cabeça, os suspiros e os pais-nossos, depois é preciso fazer silêncio para que a palavra emerja. É Pampineia quem se encarrega da tarefa. Ela pronuncia um dos mais belos discursos engana-a-Morte que nossa história preservou. Ela nos diz: “Dita a razão natural que todos os que aqui nascem podem manter, conservar e defender sua própria vida na medida do possível”. Ela nos diz para adotar, “sem ofender ninguém, as medidas possíveis para conservar a própria vida!”. Ela nos diz para adotar, “sem ofender ninguém, todos os meios a que podemos recorrer a fim de preservar a nossa vida”. Ela nos diz que nossa atitude é estranha, pois nos esquecemos

²⁰ Ibidem, p. 34.

disso e não adotamos essas medidas. Ela nos diz que permanecemos parados como se simplesmente quiséssemos testemunhar o desastre e o amontoar dos cadáveres. Ela nos diz que estamos enfeitiçados pelos frades do lugar, os religiosos mitocratas, “cujo número está quase reduzido a nada” e que “cantam seus ofícios nas horas devidas”, para que continuemos a nos exhibir em nossos trajes de luto. Histórias, sempre essas histórias que não queremos mais ouvir. E, pior ainda, os pensamentos que elas nos suscitam nos invadem, até em nossas casas, onde vemos “as sombras daqueles que se foram, mas não com as expressões que costumavam ter, e sim nos assombrando com uma aparência horrível, que não sei de onde lhes veio depois que morreram”.²¹

Então, vem a rebelião: “E se assim é (como se vê claramente que é), que fazemos aqui? Que esperamos?”. E sobretudo “Que sonhamos?”.²² Claro, a morte bate à porta, mas é muito pior que isso, as imaginações estão se enganando, é preciso revigorá-las, é preciso sonhar novamente. Ela nos diz que é preciso partir, que não se tem escolha, que, quando as imaginações estão destrambelhadas, não se deve exagerar, de nada serve acrescentar ficções às ficções, ela nos ordena, pela força do exemplo, a começar pela descrição, a estarmos atentos às formas do desastre, depois ela nos diz para partir, para romper, para procurar um refúgio, uma

²¹ Idem, *ibidem*.

²² *Ibidem*, p. 35.

base operacional; nós precisamos dessa renúncia para refundar, não se refunda nada nos centros, é necessário sair da cidade. Então, Filomena, “que era sensatíssima”,²³ faz Pampineia perceber que nesse amável grupo falta apenas alguns homens, Elisa concorda e, nesse momento, a fortuna bate à porta, pois entram na igreja Santa Maria Novella três rapazes que “não eram tão jovens”, não tendo o mais novo “menos de vinte e cinco anos”.²⁴ É um belo grupo assim composto de sete moças e três rapazes. Pampineia pode pegar a estrada:

Não tinham se afastado mais de duas pequenas milhas quando chegaram ao lugar que haviam determinado como primeiro.

O referido lugar ficava numa pequena montanha, um tanto distante das nossas estradas por todos os lados, era coberto por vários arbustos e plantas com verdes frondes, de aspecto muito agradável; no ponto mais alto ficava um palácio com um pátio bonito e espaçoso no meio, galerias, salas e quartos.²⁵

E escutem então Pampineia em sua infinita sabedoria, eis o que ela nos diz: “convém viver festivamente, e não foi outra a razão que nos fez fugir das tristezas”,²⁶ tocando, dessa forma, as minhas mais

²³ Ibidem, p. 36.

²⁴ Idem, ibidem.

²⁵ Ibidem, pp. 37-38.

²⁶ Ibidem, p. 38.

profundas inclinações pessoais. Entretanto, não posso evitar de entrar no círculo e me dirigir a ela, talvez porque, sendo mais velho do que os membros do amável grupo, já tenha vivido isso, e eu lhe disse que nós, nos anos noventa do século vinte, só tínhamos estas palavras à boca, fugir das tristezas da cidade e viver na alegria. Íamos para o meio do mato, inundados por decibéis e pílulas de todas as cores. Dançávamos sobre os escombros e cadáveres, fizemos isso por pelos menos dez anos, e continuamos a fazer de tempos em tempos. E é verdade que nos *afters* o círculo às vezes se reconstituía, é verdade que às vezes era extraordinário quando uma enxurrada de histórias compartilhadas começava a se entrelaçar, é verdade que aconteceram coisas loucas, a república do *yogging* inventada em um primeiro de janeiro do século vinte e um, não entro em detalhes, isso pertencia apenas ao amável grupo do qual eu fazia parte, é verdade que o acaso constituía os grupos, é verdade que não falávamos sobre o desastre impondo um muro de som e de substâncias, é verdade que interrompíamos os fluxos, é verdade que estávamos atentos às formas, as palavras voltavam a ser matérias com as quais podíamos jogar, cada palavra continha outras mil, e nos contentávamos em jogar com as mil em vez de encadear outras tantas, éramos semiólogos amadores e chapados, retomávamos posse de nosso corpo, mas isso não durou, sabe, Pampineia, depois de um tempo percebemos que enganávamos menos a morte do que as nossas penas. Começamos mais

cedo, acabamos mais tarde, entramos em superaquecimento, nem sabemos mais exatamente porque formamos grupos que não devem mais nada ao acaso, mas ao hábito. Não temos mais histórias para contar uns aos outros.

Olhe, isso me faz pensar, Pampineia, na epidemia dançante de 1518 que sucedeu à grande peste negra que você e suas amáveis companheiras viveram. Esta foi uma réplica daquela, como se, podendo escolher, se preferisse morrer dançando a morrer pela mortal pestilência, foi um pouco isso que fizemos nos anos noventa do século vinte. Tomei consciência disso há pouco, desde um dia preciso. Nesse dia, o superaquecimento era tal que senti em meu organismo, de maneira muito forte e muito sensível, o que estava acontecendo com a humanidade desde quando ela é literária, um flash terrível, fogo por toda parte, três, quatro mil anos de excessos inauditos, eu era literalmente o aquecimento global, a catástrofe ecológica, eu era os poços de petróleo em chamas, um fósforo que se consome, e pensei cá comigo que seria legal não terminar carbonizado.

Mas Pampineia deseja apenas “a continuação de nossa alegria”.²⁷ Ela nos propõe o seguinte: “Considere necessário escolhermos entre nós alguém que seja principal”.²⁸ Eu os escuto estremecer, caros amigos: o quê? a volta de um chefe? nem pensar! tudo menos

²⁷ Idem, *ibidem*.

²⁸ Idem, *ibidem*.

isso! Mas não, não é nada disso, deixemos Pampineia desenvolver o seu programa.

E para que cada um de nós possa sentir o fardo da preocupação que acompanha o prazer do mando, e para que, sendo o mandante escolhido de ambas as partes, não haja inveja de quem não experimente o mando, sugiro que esse fardo e essa honra sejam atribuídos a um de nós a cada dia; e que o primeiro seja escolhido por todos nós; quanto aos seguintes, a cada entardecer será apontado aquele ou aquela que mais agradar a quem naquele dia tiver tido o mando; e este, segundo seu arbítrio e no tempo que durar seu mando, deverá dispor e ordenar o lugar e o modo como viveremos.²⁹

Ela não para de insistir na liberdade. Liberdade de propor ou de aceitar, liberdade de recusar se necessário. Somos sortudos, caros amigos, de assistir *in vivo* a uma experiência política. E isso poderia bastar à nossa felicidade, pelo tanto que fomos privados dela. Ainda mais que o amável grupo nos convidou a nos juntarmos a eles e às suas conversas.

A manhã transcorre assim e é um deleite. Ela me recorda o mundo de antes e uma lembrança em particular: o momento em que, visitando um museu, descobri a instalação de um artista islandês que rodou o mundo. Víamos jovens, cada um isolado em um cômodo de uma vasta e bela casa tocando um ou mais

²⁹ Idem, *ibidem*.

instrumentos ao mesmo tempo que cantavam o mesmo ritornelo em eco, e víamos cada um deles em uma dezena de telas diante das quais deambulávamos, e, ao final, encontravam-se do lado de fora em um magnífico parque, cantando sem parar, e assim iam embora. Era ao mesmo tempo emocionante e completamente vão. É para lutar contra vaidades como essas que Pampineia nos propõe mais uma coisa:

Aqui é bom e fresco, e, como veem, há tabuleiros e peças de xadrez, podendo todos divertir-se com o que lhes der mais prazer. Contudo, se nisso fosse acatada a minha opinião, não passaríamos esta parte quente do dia jogando, pois no jogo o espírito de um dos jogadores se perturba sem que haja prazer para o outro ou para quem esteja assistindo, mas passaríamos contando histórias, de modo que um de nós pode dar prazer a todos os outros que o ouvem. Assim que todos tiverem acabado de contar, cada um, a sua pequena história, o sol já terá declinado, o calor terá acabado.³⁰

Passar a hora quente do dia, eis o que nos resta, e essa hora quente nos queima, nos consome: o fogo está por toda parte. Sabemos que as palavras de Pampineia são bem mais trágicas do que parecem; sabemos que se opõem a todas as opções que Boccaccio havia considerado, tanto os “depois de mim, o dilúvio” quanto os sectários do secessionismo; sabemos

³⁰ Ibidem, p. 40.

que as novelas do *Decameron* reinvestem os poderes da narração contra as escritas parciais, a começar pelos algoritmos que ora nos governam; sabemos que, inversamente, as ficções a serem produzidas devem ser parciais, temporárias e sempre renovadas, que será necessário harmonizá-las, agenciá-las, conservá-las, como Galehaut e Homero; sabemos bem que temos a agulha nas mãos e que uma dosagem errada poderia nos matar. Nossas esperanças não são desmesuradas, nada é verdadeiramente certo, mas em diversos momentos, caros amigos, não constatamos que o procedimento havia funcionado, ao menos por um tempo? Então, por que não mais uma vez? E por que não desta vez? Pampineia, “voltando-se para Pânfilo, que estava sentado à sua direita, disse-lhe amavelmente que desse início com uma de suas histórias. Pânfilo, ouvindo a ordem, imediatamente começou da seguinte maneira, sendo ouvido por todos...”³¹

³¹ Ibidem, p. 41.

LIONEL RUFFEL (Carcassone, 1975) é professor de literatura comparada e criação literária na Universidade de Paris 8. Colabora como editor nas Éditions Verdier, pela qual publicou os livros de sua autoria *Brouhaha, les mondes du contemporain* (2016) e *Trompe-la-mort* (2019). É curador da webradio literária Radio Brouhaha. Vem se dedicando a pensar a contemporaneidade literária e as tensões entre literatura e esfera pública.